

FLORA MATO-GROSSENSE: MOTIVAÇÃO DOS NOMES CIENTÍFICOS

FLORA OF MATO GROSSO: THE MOTIVATION BEHIND SCIENTIFIC NAMES

Marieta Prata de Lima DIAS
Universidade Federal de Mato Grosso
UFMT/Campus de Sinop

RESUMO: Este estudo tem por objeto proceder a um estudo lexicológico dos nomes científicos das árvores da região mato-grossense denominada *Planejamento XII: Polo Sinop*. O corpus é constituído pelos nomes científicos das árvores cujas madeiras foram citadas como mais comercializadas na região de Sinop. A base teórica consistiu na parceria entre Terminologia / Socioterminologia / Terminologia Sociocognitiva e Botânica / Taxionomia Vegetal. A análise dos termos possibilitou conhecer a denominação no processo de “elaboração linguística” e constatar que a significação vem do entendimento da realidade extralinguística e do elemento lexical.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia. Botânica. Nomes científicos. Motivação de escolha lexical.

ABSTRACT: This study aims to conduct a lexicological analysis of the scientific names of trees in the region *Planejamento XII: polo Sinop* (Territory 12: Sinop region) in the state of Mato Grosso, Brazil. The corpus consists of the scientific names of trees which woods have been referred to as the most commercialized ones in the region of Sinop. The theoretical basis lies on a combination of Terminology, Socioterminology, Sociocognitive Terminology and Botany / Plant Taxonomy. The analysis of the terms made it possible both to understand the linguistic concoction in the naming process

and to learn that the signification comes from understanding the extralinguistic reality and the lexical element.

KEY WORDS: Terminology. Botany. Scientific names. Motivation for lexical choices.

Introdução

Este estudo interdisciplinar entre Linguística e Botânica tem como objetivo analisar a motivação dos nomes científicos da flora de uma região mato-grossense – REGIÃO DE PLANEJAMENTO XII: Polo Sinop (conforme Zoneamento Socioeconômico e Ecológico do Estado de Mato Grosso) — parcialmente incluída na unidade territorial da Amazônia Legal, denominada *Diversificação da fronteira agroflorestal e pecuária*; dessa forma, ao abordar esta região mato-grossense, estamos também caracterizando a flora de uma unidade da Amazônia Legal. Parto da listagem de nomes já reconhecida como presente na região alvo de estudo, ou seja, do nome à planta; trata-se, pois, de uma abordagem semasiológica de termos da flora.

Filgueiras (2008, pág. 18) faz uma distinção bastante pertinente ao tema deste artigo quanto à *flora, vegetação e planta*:

Flora é o conjunto de plantas de uma determinada região ou local. Exemplos: Flora da Bahia, Flora da Serra do Mar e Flora da Ilha de Marajó.

Vegetação refere-se à forma, fisionomia ou estrutura que as plantas de uma região assumem, como mata, campo, cerrado, caatinga. Exemplos: a vegetação da Amazônia compreende matas, campos, brejos, etc. A vegetação do nordeste brasileiro é dominada pela Catinga.

Para a finalidade que temos em mente, é suficiente dizer que as **plantas** [grifo meu] são seres vivos, verdes e

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

autotróficos, isto é, capazes de produzir seu próprio alimento, partindo de elementos minerais e fixando a energia que vem do Sol.

A *Scientia Amabilis*, como Carlos Lineu referia-se à Botânica pelo fato de, embora se submeta ao rigor científico, ser uma ciência amada por seus estudiosos, faz uso de conhecimentos de várias outras ciências, tais como: Química, Física, Geologia, Ecologia, Paleontologia, Matemática, Estatística, Ecologia, Paleontologia, Matemática, Estatística e Genética (Filgueiras, 2008). E este estudo quer mostrar que também a Terminologia / Socioterminologia / Terminologia Sociocognitiva podem ser excelentes parceiras neste fazer científico.

1. BOTÂNICA E CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

A classificação científica de árvores/arbustos é objeto da subárea Taxionomia Vegetal e, para melhor observar este ato de denominar vocábulos específicos de uma área de conhecimento, o apoio teórico linguístico veio de uma subárea da Linguística Aplicada — a Terminologia, em uma de suas versões atuais, a Terminologia Sociocognitiva, conforme proposta por Temmerman (2000).

Entende-se a linguagem como intrinsecamente relacionada ao mundo (meio) e à mente, ser por ela que expressamos nossa percepção e concepção de mundo e, ao mesmo tempo, ser por ela que entendemos o mundo e categorizamos as coisas do mundo como também as recebemos categorizadas pela linguagem. Ela é uma faculdade que forma uma unidade com a experiência sensorio-motor, desenvolvimento cognitivo, percepção, memória, atenção, interação social, personalidade; enfim, com o conhecimento não linguístico e experiência de mundo.

A abordagem sociolinguística dos termos técnico-científicos e das artes é denominada Socioterminologia, termo que se firmou por volta de 1990, após menção feita por Jean-Claude Boulange, Lerat e

Monique Slodzian (cf. Guadin, 2003). No dizer de Temmerman (2000, pág. 31), “Socioterminology, as its name implies, tries to get the study of terminology back to the study of real language usage”.

Por sua vez, a Terminologia Sociocognitiva (TST) beneficia-se da Semântica Cognitiva (pensada no pleno potencial de interação entre o mundo, a linguagem e a mente humana sob o *insight* de que tais elementos funcionam em um ambiente sociocomunicativo) e da Linguística Cognitiva lakoffiana. Esta nova abordagem terminológica — também chamada de *Teoria Prototípica* — considera o conhecimento sobre o mundo da ciência e tecnologia como *experiential* e a maioria do que sabemos e entendemos sobre o mundo como resultado de nossas percepções sensoriais; sendo a outra parte resultante de nossa razão. A linguagem tem tanto função cognitiva (ideacional) quanto textual e comunicativa (interpessoal) e constitui um recurso de categorização.

Em *As Palavras e as Coisas*, ao falar sobre a função de representação dos signos, Foucault (1999) relata que, no século XVI, havia uma estreita ligação entre a semelhança e o sistema de signos, de cuja interpretação se acessavam os conhecimentos concretos; no século XVII, a semelhança foi repelida juntamente com as analogias, e a gênese do saber requeria identidade, diferença e ordem.

Em busca do conhecimento pela *ordem* é que a nomeação botânica científica foi normatizada, inicialmente, por volta de 1753, com a publicação da obra *Species Plantarum* pelo médico naturalista Carolus Linnaeus (1707-1778), botânico sueco considerado o fundador da taxionomia moderna que aplicou o critério sexual, baseado na descoberta de Camerarius (1665-1721) de que as flores seriam os órgãos sexuais das plantas. Nessa obra, Lineu descrevia

[...] cada espécie em latim com uma sentença limitada a 12 palavras. Para ele, esses nomes-frase descritivos em latim, ou **polinômios**, eram os nomes adequados para as espécies, mas ao

acrescentar uma importante inovação que fora inventada por Caspar Bauhinn (1560-1624), Lineu tornou permanente o **sistema binominal** (*com dois termos) de nomenclatura. Na margem do *Species Plantarum*, junto ao nome polinomial “correto” de cada espécie, ele escreveu uma única palavra. Essa palavra, quando combinada com a primeira palavra do polinômio – o **gênero** - era uma conveniente denominação “abreviada” para a espécie. Por exemplo, para a erva-dos-gatos, formalmente denominada *Nepeta floribus interrupte spicatus pedunculatis* (ou seja, “*Nepeta* com flores em espiga pedunculada ininterrupta”), Lineu escreveu a palavra “cataria” (que quer dizer “associada a gatos”) na margem do texto, assim chamando a atenção para o atributo conhecido da planta. Ele e seus contemporâneos logo começaram a chamar essa espécie de *Nepeta cataria* e esse nome científico é ainda usado para essa espécie hoje em dia. (Raven, 2007, pág, 235)

Atualmente, a organização taxionômica botânica segue princípios, normas e recomendações aprovados em Congressos Internacionais de Botânica e constantes no Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN), que regem não somente a atribuição formal da nomenclatura como também a estrutura morfológica e a apresentação gráfica do nome; a última edição é o Código de Viena, de 2005³. Este fazer é comentado pelo terminólogo Juan C. Sager (2000, pág. 91):

In their approach to naming, the taxonomic sciences have involved artificial languages which

³ Este código está disponível em <<http://ibot.sav.sk/icbn/main.htm>>.

exploit the systematic nature and the classificatory use of language. By narrowing the functions of language and restricting the use of general language to scientific and technical discourse, they can construct name systems and rules for their implementation which their users will fully understand and use correctly. In the different nomenclatures names are determined by the rule-system of classification adopted. The taxonomic codes cannot, and do not, claim absolute validity for a name but only aim at consistency in any one given classification. Nevertheless, misidentification of concepts occurs, and is very often discovered only much later when the state of knowledge of a subject permits different methods of analysis. Some misdesignation, but by no means, are later corrected, sometimes involving a sequence of changes in names up and down a hierarchy.

E Sager continua esta reflexão, chamando a atenção para as circunstâncias de criação dos termos e distinguindo entre formação primária e formação secundária. Aquela é uma formação conceitual e monolingual, não padrão, provisória e, algumas vezes, definitiva; esta consiste na criação de um novo termo para um conceito conhecido e acontece de duas formas distintas – como resultado de uma revisão terminológica monolíngue (por exemplo, para produção de um documento normativo ou padrão) ou como resultado de uma transferência de conhecimento de outra comunidade linguística de onde está sendo retirada por meio de criação de termo. Ambas – formação primária e formação secundária – obedecem a regras diferentes de motivação e influência. A diferença fundamental é que na primeira não há linguagem precedente, embora possa haver mais ou menos regras para formação de termos apropriados, é

externamente incontrolada e incontrolável, enquanto na segunda há sempre um termo precedente com sua própria motivação. Neste último tipo, o termo a ser criado precisa ser justificado e essa justificativa pode incluir referência à forma de termos já existentes; é mais sujeito a regulamentos do que o tipo anterior, além de se espalhar mais rapidamente pela comunidade científica.

O botânico Peter Hamilton Raven (1936 -) resgata a história da forma de denominar cientificamente:

“Estes nomes formais em latim originaram-se de sistemas informais de nomear plantas. A diferentes tipos de organismos têm sido dados há muito tempo nomes correspondentes a categorias tais como “carvalhos”, “rosas” ou “dentes-de-leão”. Na época medieval, quando o interesse na comunicação de informações sobre organismos estava crescendo, o latim era a língua da ciência. Por esta razão os nomes para estes “tipos” de organismo foram padronizados e amplamente disseminados em livros impressos com o recém-inventado tipo móvel. Os nomes eram freqüentemente aqueles que os romanos usavam; em outros casos, eram inventados novos nomes ou os nomes eram colocados na forma latinizada. Estes “tipos” acabaram por ser chamados de **gêneros**, e membros individuais destes gêneros, tais como carvalhos vermelhos ou carvalho-salgueiro, eram chamados ‘espécies’.

No início, as espécies eram identificadas por frases descritivas em latim consistindo em uma a muitas palavras; estas frases eram chamadas ‘polinômios’. A primeira palavra de um polinômio era o nome do gênero ao qual a planta pertencia. Assim, todos os carvalhos eram identificados por polinômios que começavam

com a palavra *Quercus*, e todas as rosas com polinômios que se iniciavam com a palavra *Rosa*. Os antigos nomes latinos para estas plantas continuaram a ser utilizados para designar os gêneros.” (Raven et al., 1996, pág. 157-158)

Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN)

O Código Internacional de Nomenclatura Botânica é usado para duas atividades básicas: nomear nova taxa, que não tenha sido anteriormente nomeada e em geral não descrita e determinar o nome correto para taxa anteriormente nomeada, que possa ter sido dividida, transferida ou trocada de classificação. O último é o Código de Viena, adotado no 17º Congresso Internacional de Viena⁴, na Áustria, em julho de 2005, preparado por uma comissão e editado em 2006. Compõe-se de: título, prefácio, datas importantes, preâmbulo, I Divisão (6 princípios), II Divisão (regras e recomendações) – subdividida em sete capítulos, compostos por seções - , III Divisão (Prescrições/Disposições para o controle do código), Apêndices I a VII, Índice dos Nomes Científicos e índice por tema (em ordem alfabética).

Princípios :

I - Nomenclatura Botânica é independente de nomenclatura zoológica e bacterológica. O Código aplica igualmente nomes de grupos taxonômicos tratados como plantas se estes grupos tiverem ou não sido assim tratados.⁵

II A aplicação de grupos taxonômicos é determinada por meio de tipos nomenclaturais.

⁴ Embora sejam aconselhadas, as duplicações nomenclaturais eventualmente existem. Por exemplo, “o gênero *Cecropia* designa árvores tropicais e mariposas coloridas e *Pieris* designa um tipo de borboleta e um gênero de Ericaceae”. (Judd et al., 2009, pág. 549)

III A nomenclatura de um grupo taxonômico é baseado na prioridade de publicação.

IV Cada grupo taxonômico com uma definição, posição e ordem/classe/série pode portar somente um nome correto, o primeiro que estiver de acordo com as regras, exceto em casos específicos.

V Nomes científicos de grupos taxonômicos são tratados como latinos não obstante sua procedência/fonte.

VI As regras da nomenclatura são retroativas salvo se especialmente demarcadas/restringidas.

(*International Code of Botanical Nomenclature*. Tradução minha)

Os nomes designados pelo ICBN são conhecidos como **nomes científicos** e devem, por convenção, ser em latim e em itálico ou sublinhados. Os grupos taxonômicos de qualquer posição são chamados **taxa** (singular *táxon*). As principais posições das taxa em sequência descendente são: reino, divisão ou filo, classe, ordem, família, gênero e espécie; em posições secundárias, acrescenta-se *sub-*; e assim, fica (em negrito, as sete categorias principais): **reino**, subreino, **divisão ou filo**, subdivisão ou subfilo, **classe**, subclasse, **ordem**, subordem, **família**, subfamília, tribo, subtribo, **gênero**, subgênero, seção, subseção, série, subsérie, **espécie**, subespécie, variedade e subvariedade. Para denominar o caráter de hibridismo é acrescentado *notho* – ou **n-** - (por exemplo, *nothogênero* e *nothoespécie*). Há também **cultivar** (combinação de “cultivada” com “variedade”), não considerada variedade botânica e regida por outro código (Código Internacional de Nomenclatura para Plantas Cultivadas/ICNCP). (Judd et al., 2009, pág. 543-552; Código de Viena, 2006; Simpson, 2006.)

Em todo nome de família e em posição abaixo de família consta um **autor**, o nome da pessoa que primeiro validamente publicou o nome; por exemplo, o nome completo da família Rosaceae é Rosaceae Jussieu, porque foi Jussieu quem primeiro

formalmente nomeou a família. Embora autoria seja parte do nome científico e possa ser citada em todas as publicações científicas, na prática o autor não é tipicamente memorizado ou parte do nome científico. Nas posições superiores, os autores são omitidos mesmo em publicações científicas, exceto em estudos que tratam da história monoclatural descrevendo determinado táxon; somente espécies e taxa abaixo de espécies são listadas com o nome do autor e, assim mesmo, quando citados pela primeira vez. (Judd et al., 2009, pág. 543-552; Código de Viena, 2006; Simpson, 2006)

Os nomes científicos das escalas reino, divisão ou filo, classe e ordem são latinizados e **uninominais**. A partir de família, em descendência, são **binominais**, o primeiro é o nome do **gênero**, escrito com letra inicial maiúscula, que pode ser abreviada por sua primeira letra mas deve ser pronunciado por inteiro; o segundo nome é o **epíteto específico** – em geral é iniciado por letra minúscula, excepcional e opcionalmente em maiúscula se for comemorativo (nomeado por pessoa ou lugar). Segundo Raven (2007), tais epítetos em geral referem-se a características morfológicas, ecológicas ou químicas da planta, “sem conotações filosóficas particulares” (Judd et al., 2009, pág. 548); outros prestam homenagem ao autor ou cientista que tenha contribuído para o conhecimento botânico. O epíteto pode ser “(1) um adjetivo qualificando o nome genérico (e, portanto, deve concordar em gênero com o nome genérico), (2) um nome por aposição ou (3) um nome possessivo” (Judd et al., 2009, pág. 546-547). De cada espécie, uma amostra seca é guardada em um museu ou herbário pelo autor para que sirva de comparação com outros exemplares, sem que se considere que obrigatoriamente tenha todos os caracteres essenciais do tipo — é apenas um auxiliar nomenclatural —, e é chamada **espécime-tipo** ou **holótipo**; suas duplicatas (coletadas no mesmo tempo e local) guardadas em outros herbários chamam-se **isótipos**.

O processo de **revisão taxonômica** causa troca em nomes por dois motivos: 1. O reconhecimento de um nome é contrário às

regras (por exemplo, é ilegítimo) e é necessário que outro nome seja dado; 2. estudos taxonômicos adicionais ou pesquisa (por exemplo, análise cladística) que tenham resultado em troca de uma definição e delimitação de táxon. **Sinônimos** são os “nomes publicados posteriormente para um mesmo táxon” e “não são considerados nomes válidos”; também há os **homônimos** - “nomes que duplicam nomes que já existem (para outras espécies) [e] também devem ser rejeitados” (Judd et al., 2009, pág. 549), assim como o **basiônimo** - é o nome original rejeitado, parte do qual é conservada no novo nome [exemplo: *Sedum variegata* Wats ficou sendo basiônimo ao ser transferido para o gênero *Dudleya* por Moran; então, ficou *Dudleya vareigata* (Wats.) Moran] e o **autônimo** — nome automaticamente criado para uma infrafamília, infragênero e infraespécie em que não é necessário constar autor.

O táxon espécie suporta **nomes comuns** (ou nomes vernáculos), aqueles geralmente usados pelas pessoas em uma região geográfica limitada, em geral não são publicados, não seguem regras específicas e quase sempre nada denotam acerca da classificação, variedade, espécie, gênero ou família.

Nomes legítimos são os que se encontram de acordo com o ICBN; caso não esteja, é nome ilegítimo. **Nome válido** é aquele validamente publicado em material disponível a outros botânicos; há exigência de que a nomeação seja seguida de breve descrição em latim ou em outra língua e diagnose em latim. O **nome correto** é o primeiro nome publicado conforme as regras nomenclaturais – este é o princípio de prioridade de publicação (princípio aplicado até a categoria família e as descendentes; as regras são menos restritivas para as categorias acima de família).

Algumas regras de nomeação botânica

1. *Prunus pérsica* var. *persica* – Significa que o espécime-tipo da espécie *P. persica* pertence a esta variedade (por isso “var. *persica*”)

2. *Lyonia ferruginea* (Walt) Nutt. – Em 1788, Thomas Walter descreveu *Andromeda ferruginea*. Em 1818, Thomas Nuttall constatou que esta espécie e espécies afins pertenciam na verdade ao gênero *Lyonia*; assim, transferiu *ferruginea* para *Lyonia* e o autor original consta entre parênteses. Este fato é comum acontecer, devido ao “aumento do conhecimento sobre as relações filogenéticas de uma espécie”, o que pode “interferir ou dificultar a obtenção de informações sobre o táxon” mas fornece “um reflexo mais acurado das hipóteses de relações filogenéticas, envolvendo-o e permitindo que a nomenclatura botânica seja mais preditiva” (Judd et al., 2009, pág. 546).

3. *Gossypium tomentosum* Nutt. ex Seem – O “ex” significa que o segundo autor publicou um nome que tinha sido proposto mas ainda não publicado pelo primeiro autor ou não tenha efetuado a descrição da planta ou a tenha feito de maneira pouco explicativa. Pelo ICBN, o nome antes de “ex” não precisa ser citado; pode-se, pois, escrever *G.tomentosum* Seem.

4. Quando em lugar de “ex” há “in”, significa que “o primeiro autor publicou o nome em um livro ou artigo editado (ou parcialmente escrito) pelo segundo” (Raven, 2007, pág. 546).

5. *Benzoin benzoin* é considerado **tautônimo**, porque repete o nome genérico, o que não é muito comum.

6. *Vatairea sp.* – O “sp” significa espécie e significa que as afinidades filogenéticas constam incertas, por isso nomeou-se a espécie de forma uninominal.

7. *Aedes (Stegomyia) aegypti* - Havendo um subgênero, este é escrito entre parênteses; caso haja uma subespécie, também se escreve em minúscula após a espécie.

8. Algumas regras especiais sobre os híbridos⁶ – usa-se o sinal x (não itálico) ou o prefixo *notho-* no termo (abreviado

⁶ O Código de Viena traz um apêndice com 12 artigos somente para os híbridos.

opcionalmente por **n-**); o sinal e prefixo são desconsiderados para sinônimos e homônimos.

8.1 *Verbascum lychnitis* x *V. nigrum* – híbrido do mesmo gênero é designado pela listagem alfabética dos nomes das espécies (ou incluindo símbolos sexuais na fórmula – C para fêmea e X para macho - ou apresentando a fêmea em primeira posição), precedidas pelo gênero e separadas por x. Requer descrição em latim, designação de tipo e deve ser validamente publicado.

8.2 *Verbascum x schiedeanum* (= *Verbascum lychnitis* x *V. nigrum*) – híbrido do mesmo gênero a que foi dado um epíteto próprio (*schiedeanum*), usado precedido de x. Não requer descrição em latim.

8.3 x *Dialaeliocattleya* - nome em fórmula condensada para híbrido de vários gêneros; neste caso, dos gêneros *Diacrium*, *Laelia* e *Cattleya*.

O ICBN rege, portanto, não somente a atribuição formal da nomenclatura como também a estrutura morfológica e a apresentação gráfica do nome.

As classificações taxionômicas baseiam-se em critérios cujo enfoque varia conforme o avanço da ciência na época de sua criação. Sendo assim, na Botânica temos algumas classificações, como a de Cronquist, APG I, APG II, APG III. O APG (Angiosperm Phylogeny Group), Grupo de Filogenia das Angiospérmicas, é um sistema de taxonomia vegetal baseado em evidência molecular, publicado em 1998. O sistema APG II, de 2003, é uma versão atualizada do APG de 1998, atualização motivada pelos avanços ocorridos em cinco anos no conhecimento sobre a filogenia das angiospermas. Isto provocou várias mudanças na circunscrição familiar e na classificação, inclusive com a adição de algumas novas ordens. O sistema APG III, de 2009, é a última versão. O APG atualiza constantemente sua classificação, e a disponibiliza em seu site oficial.

Quanto à pronúncia dos nomes científicos em latim, Judd et al. (2009, pág. 549) dizem que há variação entre os botânicos norte-americanos, latino-americanos e europeus e explicam

... é importante lembrar que uma palavra em latim tem tantas sílabas quanto vogais ou ditongos. Todas as vogais e ditongos são pronunciados, sem letras mudas no final da palavra. No entanto, quando as palavras iniciam em *cn*, *gn*, *mn* ou *pt*, a primeira letra é muda. As letras *c* e *g* são geralmente pronunciadas como *k* ou *g* (não seguida de *u*), respectivamente. *G* é pronunciada de modo suave (geralmente como *j*) quando seguida das letras ou ditongos *e*, *i*, *y*, *ae* ou *oe*. *Ch* é pronunciado como *k*. Um *x* no início de uma palavra é pronunciado como *z*, enquanto um *x* no meio da palavra é pronunciado como *ks*. Um *e* no final da palavra tem pronúncia longa, ao tempo que um *a* tem pronúncia curta. Para *uu*, ambas as letras são pronunciadas, sendo a primeira longa e a segunda curta.

NOMES BOTÂNICOS: COLETA E ANÁLISE

As árvores e arbustos objeto desta pesquisa classificam-se como angiospermas, “grupo maior e mais diversificado no Reino Vegetal atual” (Barroso, 2002: 32) que engloba cerca de 230 mil espécies. No museu “Memorial Guardiões da Floresta”, cujo lema é “Madeira é nosso negócio, floresta viva é nossa missão”, inaugurado em 2010 na cidade de Sinop, foram citadas pelo nome comum as trezes árvores, cuja madeira é mais comercializada no Polo Sinop. Esses nomes constituíram o corpúsculo de análise dos nomes científicos. São elas: amescla, angelim, cambará, caroba, cedrinho, champanhe, cupuíba, farinha-seca, garapeira, itaúba, pente-de-macaco, peroba e

sucupira; devido ao fato de haver três espécies de angelim, passaram a ser quinze nomes.

Analiso abaixo cada um dos nomes científicos respectivos aos nomes comuns deste corpus, conforme sua motivação. Para a busca da publicação original e sinônimos, pautei-me pelo portal *Tropicos.org.Missouri Botanical Garden*, disponível em <<http://www.tropicos.org/>>, que se baseia em APG III.

1. (AMESCLA) *Trattinnickia burserifolia* Mart. Nome aceito, com publicação original em *Nova Genera et Species Plantarum Bras.* 3: 93, em 1831. O nome da espécie *Bursera* é homenagem a J. Burser, aluno e amigo do botânico suíço Caspar Bauhin (1560-1624), botânico suíço, conforme Barroso (1991, pág. 306).

Mart. refere-se ao autor Carl (Karl) Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), botânico e antropólogo alemão, que passou muitos anos estudando a Amazônia e publicou *Flora brasiliensis*.

Sinônimos:

Trattinnickia burserifolia var. *quinquejuga* Engl. (com publicação original em *Fl. Bras.* 12(2): 284, em 1874.)

Trattinnickia subchoripetala Swart (com publicação original em *Recueil Trav. Bot. Néerl.* 39: 210, em 1942) .

2 (ANGELIM-AMARGOSO) *Vatairea* sp. Publicado por Aubl. em *Hist. Pl. Guiane* 2: 755, pl. 302, em 1775.

Vatairea é o nome popular na Guiana, conforme Barroso (1984, pág. 96) e aplicado no nome científico. O nome consta somente do gênero seguido de “sp” (espécie), forma que esclarece haver incerteza na espécie.

Não há, portanto, sinônimos, já que o nome científico está sem a **espécie**.

3 (ANGELIM-PEDRA) *Hymenolobium petraeum* Ducke. Nome aceito, publicado no *Arch. Jard. Bot., Rio de Janeiro* 1: 36, em 1915.

Hymenolobium vem do grego *hymenós*, que significa ‘hímen, membrana’ e, do grego *lobós*, temo *lobium* que significa ‘legume, legume membranáceo’. (Silva Júnior e Silva Pereira, 2009, pág. 237).

Ducke refere-se ao autor Adolpho Ducke (1876-1959), botânico, entomólogo e etnólogo brasileiro, dedicado aos estudos amazônicos.

Não há sinônimos, conforme o portal *PlantSystematics*.

4 (ANGELIM-SAIA) *Parkia pendula* (Willd.) Benth. ex Walp. Nome aceito, publicado em *Repertorium Botanices Systematicae*, 5(4): v. 577, em 1846.

Parkia R. Br. é dedicado a Mungo Park, viajante escocês, conforme Barroso (1991, pág. 94).

É provável que o nome *pendula* refira-se às suas inflorescências (conjuntos de ramificações que terminam em flores) que, segundo Carvalho (2006, pág. 558), “são dispostas em capítulos globulares pendentes, com pedúnculo de até 1,60 m de comprimento”.

Willd refere-se ao autor original Carl Ludwig von Willdenow (1765- 1812), médico e botânico alemão, que descreveu essa espécie como *Inga pendula* Willd., havendo publicado em *Sp. Pl., ed. 4 [Willdenow]* 4(2): 1025, em 1806.

Benth refere-se a George Bentham (1800-1884), botânico inglês considerado grande sistemata. Walp refere-se ao botânico alemão Wilhelm Gerhard Walpers (1816-1853). O “ex” significa que Walpers publicou um nome que tinha sido proposto mas ainda não publicado por Bentham que, por sua vez, tinha atualizado o nome dado por Willdenow.

Sinônimos: *Inga pendula* Willd. e *Mimosa pendula* (Willd.) Poir (publicado em *Encyc. Suppl.* 1: 47, em 1810 por Jean Louis Marie Poiret (1755-1834), clérigo, botânico e explorador francês.

5 (CAMBARÁ) *Qualea paraensis* Ducke. Nome aceito, publicado em *Arch. Jard. Bot.* Rio de Janeiro 1: 48–49, t. 16, em 1915.

O nome genérico *Qualea* é latinização do nome “qualé”, dado popularmente à espécie tipo na Guiana Francesa, conforme Barroso (1991, pág. 362) e Silva Júnior e Silva Pereira (2009, pág. 191). *Paraensis* informa a localização geográfica da espécie, no Pará.

Ducke refere-se ao autor Adolpho Ducke (1876 na Itália - 1959 no Brasil), botânico, entomólogo e etnólogo brasileiro, dedicado aos estudos amazônicos.

Não há sinônimos, conforme o portal *PlantSystematics*.

6 (CAROBA /PARAPARÁ) *Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don. Nome aceito, publicado em *Edinburgh Phillos. J.* 9(18): 267, em 1823.

Jacaranda, conforme Silva Júnior e Silva Pereira (2009, pág. 93), vem “do tupi *ya ‘akã ‘ratã*, aquele que tem miolo duro, ou árvore com cerne duro” e é nome nativo de árvores de algumas espécies desse gênero, segundo Carvalho (2006, pág. 353).

O epíteto específico é originado do nome vulgar “copaia”, da tribo dos Galibis, da Guiana Francesa, segundo Carvalho (2006, pág. 403).

Don refere-se ao botânico escocês David Don (1799-1841)]; Aubl., ao botânico francês Jean Baptiste Christophore Fusée Aublet (1720-1778), que passou dois anos pesquisando na Guiana Francesa e publicou em *Histoire des Plantes de la Guiane Française* 2: 650–653, t. 262, 265, f. 1., em 1775. Após, quarenta e oito anos, David Don reviu a classificação taxinômica feita por Aublet.

Sinônimos: *Jacaranda copaia* Aubl., *Bignonia procera* Willd., *Jacaranda amazonensis* Vattimo, *Jacaranda copaia* subsp. *spectabilis* (Mart. ex A. DC.) A.H. Gentry, *Jacaranda copaia* var. *paraensis* Huber, *Jacaranda copaia* var. *spectabilis* (Mart. ex A. DC.) Bureau ex Bureau & K. Schum., *Jacaranda paraensis* (Huber) Vattimo, *Jacaranda procera* (Willd.) R. Br., *Jacaranda spectabilis* Mart. ex A. DC. e *Jacaranda superba* Pittier.

(CEDRINHO) *Erisma uncinatum* Warm. **Nome aceito, publicado em *Flora Brasiliensis* (Martius) 13(2): 110-11, em 1875.**

Erisma vem do grego e significa ‘discórdia, contenda, debate’, talvez se referindo à contestada posição taxonômica do gênero. Outra versão é que a palavra se explique por proteção, em razão do conectivo espessado de antera⁷. (Barroso, 1984, pág. 361). *Uncinatum* significa ‘em forma de gancho’, conforme Raven (1996, pág. 545).

Warm refere-se ao autor Johannes Eugen(ius) Bülow Warming (1841-1924), botânico dinamarquês que viveu no Brasil por três anos.

Sinônimo: *Erisma pulverulentum* Poepp. ex Warm.

⁷ Antera *sf* (*gr antherá*) Bot Parte dos estames, formada de pequenos sacos, em cujo interior se desenvolve o pólen. (Michaelis on-line)

8 (CUMARU/CHAMPANHE) *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. Nome aceito, publicado em *Species Plantarum*, ed. 4 [*Willdenow*] 3(2): 910, em 1802.

O nome genérico *Dipteryx* deve-se ao fato de a flor/folha apresentar duas asas; o epíteto específico *odorata* é por causa do cheiro forte de cumarina.

Aubl. refere-se ao autor original Jean Baptiste Christophe Fusée Aublet, que publicara em *Histoire des Plantes de la Guiane Françoise* 2: 740–742, pl. 296, em 1775. Willd. refere-se a Carl Ludwig von Willdenow (1765-1812), médico e botânico alemão, que reviu, após vinte e sete anos, a classificação taxinômica feita por Aublet.

Sinônimos: *Coumarouna micrantha* (Harms) Ducke, *Coumarouna odorata* Aubl. e *Dipteryx micrantha* Harms.

9. (CUPIÚBA) *Goupia glabra* Aubl. Nome aceito, publicado em *Hist. Pl. Guiane* 1: 296, t. 116, em 1775.

Góupia Aubl. é nome vulgar na Guiana, conforme Barroso (1991, pág. 186); *glabra* significa com folhas glabras, conforme Silva Júnior e Silva Pereira (2009, pág. 109).

Aubl. refere-se ao botânico francês Jean Baptiste Christophore Fusée Aublet (1720-1778), que passou dois anos pesquisando na Guiana Francesa.

Sinônimos: *Goupia paraensis* Huber e *Goupia tomentosa* Aubl.

10 (FARINHA-SECA) *Albizia niopoides* (Spruce ex Benth.) Burkart. Nome publicado em *Las Leguminosas Argentinas* (ed. 2) 542, em 1952.

O nome *Albizia* é dedicado a Filiede Albizzi, nobre florentino do século XVIII, de cujo jardim se descreveu a primeira espécie, procedente dos bosques ao sul do Mar Cáspio, no Irã, conforme Carvalho (2008, pág. 243).

Para o nome *niopoides*, Pott e Pott (1994, pág. 145) dizem ser “semelhante a *Niopia*, gênero de um angico”; a esse nome é a

acrescido o sufixo ‘-oide’. O dicionário *Caldas Aulete* (1958) registra

NIOPO, *s.m.* (Bras.) árvore, o mesmo que vem de paricá, no Alto Amazonas: vimos também o preparo do rapé de *niopo*, obtido pela pulverização das folhas de certo ingá (...).

-óide *suf.* (gr. *oeidés*). Denota forma, semelhança: *asteróide*, *esferóide*.

Burkart refere-se a Arturo Erhardo (Erardo) Burkart (1906-1975), botânico e engenheiro agrônomo argentino que reviu, após setenta e sete anos, a classificação taxinômica feita por Benth.

Spruce refere-se a Richard Spruce (1817-1893), médico e naturalista britânico que tinha efetuado a descrição da planta ou feito de maneira pouco explicativa anteriormente a Bentham e Burkart. Benth refere-se ao botânico inglês George Bentham (1800-1884) que publicou a classificação taxinômica da espécie em *Transactions of the Linnean Society of London* 30 (3): 591–592, em 1875.

Sinônimos: *Acacia guacamayo* (Britton & Killip) Standl.,
Albizia caribaea (Urb.) Britton & Rose,
Albizia colombiana Britton ex Britton & Killip
Albizia guacamayo (Britton & Killip) L. Cárdenas,
Albizia hassleri (Chodat) Burkart,
Albizia richardiana King & Prain,
Feuilleea niopoides (Spruce ex Benth.) Kuntze,
Pithecellobium caribaeum Urb.,
Pithecellobium hassleri Chodat,
Pithecellobium niopoides Spruce ex Benth.,
Senegalia guacamayo Britton & Killip
Senegalia liebmannii Britton & Rose.

11 (GARAPEIRA) *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr.

Nome aceito e publicado em *Contributions from the Gray Herbarium of Harvard University* 59: 23, em 1919.

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

Apuleia é uma homenagem a L. Apuleus Madaurensis, filósofo e escritor do século II Dc. e *leilocarpa* significa ‘fruto liso, sem ornamentações’, conforme Carvalho (2003).

Macbr refere-se ao botânico norte-americano James Francis Macbride (1892-1976) que, após oitenta e dois anos, reviu a classificação taxinômica da planta feita por Vogel.

Vogel refere-se ao botânico alemão Julius Rudolph Theodor Vogel (1812-1841), que havia publicado a espécie em *Linnaea* 11: 393, em 1837.

Sinônimos:

Apoleya leiocarpa (Vogel) Gleason

Apoleya molaris (Spruce ex Benth.) Gleason

Apuleia leiocarpa var. *molaris* (Spruce ex Benth.) Koeppen

Apuleia molaris Spruce ex Benth.

Apuleia praecox Mart.

Apuleia praecox C. Mart.

Leptolobium leiocarpum Vogel

12 (ITAÚBA) *Mezilaurus itauba* (Meisn.) Taub. ex Mez. Nome aceito e publicado em *Arbeiten aus dem Königl. Botanischen Garten zu Breslau* 1: 112, em 1892.

O nome *Mezilaurus* significa ‘*Laurus maior*’ (meizon) e *Laurus* L. transmite duas significações – do celta, *lauer* (verde) e *Laus* (louvor), pelo uso das folhas na coroa da vitória, conforme Barroso (2007, pág. 86).

O nome *Itauba*, conforme Hecker et al. (1988, 2768), morfologicamente é entendido como ita, o “que tem relação com pedra; rocha”, “do tupi *ita*, pedra; ferro (duro como pedra); metal, rocha” e úb vem “do tupi *yba*, haste; arrimo”.

Meisn refere-se ao botânico suíço Carl Daniel Friedrich Meisner (1800-1874) que publicara acerca dessa espécie, sob o nome

de *Acrodiclidium itauba* Meisn., em Prodrromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis 15(1): 86, em 1864.

Taub refere-se ao botânico alemão Paul Hermann Wilhelm Taubert (1862-1897) que certamente havia proposto o nome mas não efetivou a publicação ou sua descrição adequadamente.

Mez refere-se ao botânico alemão e professor universitário Carl Christian Mez (1866-1944), que reviu e registrou o estudo da espécie feito por Taubert, após vinte e oito anos de publicado por Meisn.

Sinônimos:

Acrodiclidium anacardioides Meisn.

Acrodiclidium itauba Meisn.

Endiandra itauba (Meisn.) Benth. & Hook. f.

Mezilaurus anacardioides (Meisn.) Taub. ex Mez

Oreodaphne hookeriana Meisn.

Silvia ita-uba (Meisn.) Mez

13 (PENTE-DE-MACACO) *Apeiba tibourbou* Aubl.

Publicado em *Histoire des Plantes de la Guiane Française* 1: 538–541, t. 213, em 1775.

Apeiba é nome popular na Guiana, conforme Barroso (2007, pág. 272). Segundo Santos (1987, pág. 217), “os índios davam a esta madeira, com que construíam suas jangadas, o nome de ‘apé-iba’, que se transformou em *Apeiba*, nome genérico.

Não encontrei registro do significado de *tibourbou*.

Aubl. refere-se ao botânico francês Jean Baptiste Christophore Fusée Aublet (1720-1778), que passou dois anos pesquisando na Guiana Francesa.

Sinônimos:

Apeiba albiflora Ducke

Apeiba cimbalaria Arruda

Apeiba hirsuta Lam.

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

Apeiba tibourbou var. *rugosa* Szyszylowicz
Apeiba tibourbou var. *rugosa* Szyszylowicz
Aubletia tibourbou (Aubl.) Willd.

14 (PEROBA/PEROBA-ROSA) *Aspidosperma cylindrocarpon* Müll. Arg. Nome aceito, originalmente publicado em *Flora Brasiliensis* 6(1): 54–55, em 1860.

O nome *Aspidosperma* descreve a morfologia da semente, que se acha rodeada por larga asa circular. O termo é formado pela aglutinação de *aspis* (escudo) e *sperma* (semente) (Marquiori, 1995, *apud* Carvalho, 1994 portal).

Cylindrocarpon diz respeito à forma cilíndrica de seu fruto (*carpon*).

Müll. refere-se ao botânico suíço Johann Müller, cujo pseudônimo era Johannes (Jean) Müller Argoviensis (1828-1896).

Sinônimos:

Aspidosperma brevifolium Rusby
Aspidosperma cylindrocarpon var. *genuinum* Hassl.
Aspidosperma cylindrocarpon var. *longepetiolatum* Hassl.
Aspidosperma cylindrocarpon var. *macrophyllum* Hassl.
Aspidosperma lagoense Müll. Arg.

15 (SUCUPIRA) - *Sweetia fruticosa* var. *fruticosa* Spreng. Nome aceito, publicado em *Systema Vegetabilium* (ed. 16) [Sprengel] 2: 213, em 1825.

Sweetia, conforme Barroso (1991, pág. 95), é uma “homenagem a Robert Sweet, jardineiro londrino”.

Segundo o *Dicionário Brasileiro de Botânica* (Pereira e Putzke, 2010),

Fruticoso. (Lat.). Diz-se do que possui forma de pequeno arbusto. Em micologia, diz-se do talo de certos líquens que possuem forma de um pequeno arbusto”.

A expressão *var.* significa que o espécime-tipo da espécie *S. fruticosa* pertence a esta variedade (por isso “*var. fruticosa*”).

Spreng. refere-se ao médico e botânico alemão Curt Sprengel (Kurt, Curtius) Polycarp Joachim (1766-1833).

Sinônimos:

Acosmium lentiscifolium Vogel

Ferreirea spectabilis Allemão

Síntese - A amostra descrita pode ser revista no quadro-resumo:

	NOME CIENTÍFICO		AUTORIA	
	Gênero	espécie		
1.	<i>Trattinnickia</i> 1831	<i>bursera</i> homenagem a J.Burser, aluno de botânico suíço	Mart. botânico e antropólogo alemão	
2.	<i>Vatairea</i> nome popular na Guiana 1775	<i>sp.</i>		
3.	<i>Hymenolobium</i> morfologia da planta 1915	<i>lobium</i> morfologia da planta	Ducke botânico brasileiro	
4.	<i>Parkia</i> homenagem a viajante	<i>pendula</i> morfologia da	(Willd) médico e	Benth. ex Walp.

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

	escocês 1806-1846	planta	botânico alemão	botânicos alemães;
5.	<i>Qualea</i> latinização de nome popular na Guiana 1915	<i>paraensis</i> locativo	Ducke botânico brasileiro	
6.	<i>Jacaranda</i> morfologia da planta 1775-1823	<i>copaia</i> originado do nome vulgar	(Aubl.) botânico francês	D. Don. botânico escocês
7.	<i>Erisma</i> aspecto sociocientífico (contenda) ou morfologia da planta 1875	<i>uncinatum</i> morfologia da planta	Warm. botânico dinamarquês	
8.	<i>Dipteryx</i> morfologia da planta 1775-1802	<i>odorata</i> característica da planta	(Aubl.) botânico francês	Willd. médico e botânico alemão
9.	<i>Goupia</i> derivado do nome vulgar na Guiana - 1775	<i>glabra</i> morfologia externa da planta	Aubl botânico francês	
10.	<i>Albizia</i> Homenagem a nobre do séc. XVIII - 1875-1952	<i>niopoides</i> morfologia da planta	(<u>Spruce</u> ex Benth.) naturalistas ingleses	Burkart <u>eng.</u> <u>agrônomo</u> <u>argentino</u>
11.	<i>Apuleia</i> filósofo e escritor do século II Dc. 1837-1919	<i>leiocarpa</i> – morfologia externa da planta	(Vogel) botânico alemão	J.F. Macbr botânico norte- americano
12.	<i>Mezilaurus</i> morfologia da planta e/ou uso tradicional de suas folhas 1864- 1892	<i>Itauba</i> – característica da planta	(Meisn.) botânico suíço	Taub. ex Mez botânicos alemães
13.	<i>Apeiba</i> derivado do nome popular 1775	<i>tibourbou</i>	Aubl. botânico francês	

14.	<i>Aspidosperma</i> Morfologia da planta 1860	<i>cylindrocarpon</i> Morfologia da planta	Müll. Arg botânico suíço	
15.	<i>Sweetia</i> jardineiro londrino 1825	<i>fruticosa</i> morfologia da planta	<i>var. fruticosa</i> informação de registro	Spreng. médico e botânico alemão

Os *termos* são *eponímicos* por constarem em si um epônimo, ou seja, um nome derivado do nome da pessoa que a (o) descobriu ou descreveu em primeiro lugar, nomes próprios de lugar, de personalidades e de especialistas. Assim, é possível confirmar Foucault (1999, pág. 99-105), quando diz que a taxionomia vegetal repete, em parte, a ordem da sociedade.

No ato de nomear, segundo a literatura da Botânica, ocorrem relações de significação entre os nomes, e, assim, são citados: sinônimos, homônimos, basinônimos e autônimos. Busquei compreender algumas das relações assim denominadas e constatar suas similaridades/diferenças com as mesmas denominações aplicadas pela Terminologia.

O significado de *sinonímia* é diferente do significado normalmente aplicado em Linguística. **Sinônimos** são os “nomes publicados posteriormente para um mesmo táxon” e “não são considerados nomes válidos”. Além disso, os sinônimos recontam toda a história de pesquisa acerca da espécie; ao se recuperarem seus nomes e respectivas publicações, há um resgate rápido de todas as reflexões oficializadas acerca da planta.

Foi observado não haver uma regra para a convenção das homenagens, exceto no caso de autoria. Os autores são em geral botânicos de diferentes nacionalidades — alemães, franceses, escoceses, argentino, norte-americano e suíço —, com maior presença de alemães; isso ocorre em plantas identificadas, pela primeira vez, de 1775 a 1892. Os dois registros ocorridos em 1915 são feitos por um italiano considerado brasileiro, Adolpho Ducke; o que já demonstra o início da presença de estudiosos brasileiros (ou de

“coração” brasileiro). Tal registro de nomes após o nome científico da árvore faz parte da tradição de nomeação em Botânica.

Quanto ao motivo do nome genérico, em quinze nomes, há seis relacionados à morfologia externa da planta, quatro relacionados à homenagem a pessoas e quatro derivados de nomes comuns e um sem origem conhecida. Essa distribuição de motivação corrobora Lakoff (1987), quando diz que o que sabemos e entendemos resulta mais de percepções sensoriais (seis relativas à morfologia externa da planta) e o restante, da razão.

O fato também de haver quatro nomes derivados de nomes comuns comprova a observação de Lakoff (1987), de que, em uma taxionomia, o nível do meio, o genérico, é o mais facilmente percebido, memorizado e culturalmente relevante, que os nomes populares localizam-se neste nível e que a classificação científica em Biologia deriva mais acuradamente do nível genérico da classificação popular.

Na sequência do nome científico, a presença dos nomes dos estudiosos é marcante, fazendo do nome uma síntese histórica pontual das pesquisas relativas àquela espécie, uma co-presença constante e progressiva.

CONCLUSÃO SEMPRE PARCIAL

Constata-se com Temmerman (2000, pág. 14) que a sinonímia e a basionímia são necessárias na evidência dos marcos históricos da Botânica; portanto, funcionais e inevitáveis. Assim, a pancronia é constante e as marcas linguísticas nomenclaturais evidenciam, inclusive, a filiação teórica dos pesquisadores.

E, assim, nesta parceria entre Botânica e Linguística, encontrei em Sager (2000, pág. 80), o que havia percebido ocorrer com os *nomes botânicos* alvo deste estudo:

Term formation always occurs in a particular environment, e. g. in a research laboratory, a

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

design office, a workshop or in any other situation where people have need for new expression forms. A major distinction is being recognized between terminology creation which accompanies scientific and technological innovation in any one linguistic community and that which accompanies the transfer of scientific and technological knowledge from one linguistic community to another. While the former is spontaneous, the latter can be designed and engineered. It is now realised **that term formation is and be influenced according to the subject area in which it occurs, the nature of the people involved and the origin of the stimulus for term formation.** [Negrito nosso]

Os nomes científicos são representação de um conhecimento – é necessário aprendizagem institucional para relacioná-los, no caso deste estudo, às espécies arbóreas. Buscam ser universais, são um bem (o nome do botânico que registra a espécie consta como uma “patente” para sempre!), assegurados por aprendizagem institucional e intangíveis (como se fossem verdadeiros para sempre); dizem respeito ao mesmo campo referencial dos nomes comuns/populares, contudo estão no contexto científico, cuja prática é fundada na (re)produção, divulgação e utilização do conhecimento. São produto de uma historicidade, cujos pares estão sempre copresentes (ou seja, mencionam-se os precursores de determinada teoria a todo momento) e há implícita uma noção de progresso (inclusive, revoluções científicas) e unicidade.

Ter observado minuciosamente a trajetória da formação de cada um dos quinze termos da amostra possibilitou conhecer a denominação no processo de “elaboração linguística”, pois, como bem diz Temmerman, a significação vem do *entendimento* da

realidade extralinguística e do elemento lexical. E a pesquisadora completa

Our propositions for an alternative theory of Terminology start from the insight that words can not ‘mean’ objectively, but rather than they can be understood in a linguistic communication process about a reality outside language which has to be understood as well. (Temmerman, 2000, pág. 42)

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. Cadernos de Terminologia n. 01. São Paulo: CITRAT/FFLCH/USP, 1996.

BARBOSA, M.A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In **As Ciências do Léxico**. Vol. 3. Campo Grande: UFMS/ São Paulo: Humanitas, 2007.

BARROSO, Graziela Maciel e outros. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Vol. 1. 2ª. Ed. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 2002.

BARROSO, Graziela Maciel e outros. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Vol. 2. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 1984.

BARROSO, Graziela Maciel e outros. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Vol. 3. 2ª. Ed. Viçosa:UFV / Impr.Univ., 2002.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo (PR): Embrapa Florestas, 2003. Vol. 1.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo (PR): Embrapa Florestas, 2006. Vol. 2.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo (PR): Embrapa Florestas, 2008. Vol. 3.

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Florestais Brasileiras: recomendações silviculturas, potencialidades e uso da madeira**. Brasília, DF: EMBRAPA, 1994, 640p. Disponível no site da EMBRAPA <http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm>.

Acesso em ago. 2010.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Florestais Brasileiras: recomendações silviculturas, potencialidades e uso da madeira**. Brasília, DF: EMBRAPA, 1994, 640p. Disponível no site da EMBRAPA <http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm>.

Acesso em ago. 2010.

CORREA, Pio. **Dicionário de plantas úteis do Brasil**. Ministério da Agricultura: Imprensa Nacional, 1931/1984. Vols. I a VI.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico: Nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DIAS, Marieta Prata de Lima Dias. **Para Um Vocabulário Sistemático do Código Penal Brasileiro (Parte Geral)**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DIKI-KIDIRI, Marcel. **Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines. Pour une approche culturelle de la terminologie**. 22 mar. 2010. Disponibilizado para compra em <<http://www.docstoc.com/docs/56034346/Marcel-Diki-Kidiri-%28ed%29-Le-vocabulaire-scientifique-dans-les-langues-africaines-Pour-une-approche-culturelle-de-la-terminologie%28Book-review%29>>, acesso em 9 jul. 2011.

FILGUEIRAS, Tarcísio S. **Botânica para quem gosta de plantas**. 2ª. rev. e ampliada. São Paulo: LivroPronto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. (1970) Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAUDIN, François. **Pour une Socioterminologie** – Des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Université de Rouen n°182, 1993.

GAUDIN, François. **Socioterminologie**. Une approche sociolinguistique da la terminologie. Bruxelles: Duculot, 2003.

GUERRA, Antonia M. Medina (coord.). **Lexicografía española**. Presentación de Germán Colón. 1ª. ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

HECKLER SJ, Evaldo; BACK Sebald e MASSING, Egon Ricardo. **Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 1984.

JUDD, Walter S.; CAMPBELL, Christopher S.; KELLOGG, Elizabeth A.; STEVENS, Peter F.; DONOGHUE, Michael J. **Sistemática Vegetal – Um Enfoque Filogenético**. 3ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 632p. ISBN 978-85-363-1755-7.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 4ª. Ed. Vol. 1 Nova Odessa (SP): Plantarum 2002a.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil**. Vol. 2. Nova Odessa:Plantarum, 2002b.

LORENZI, Harri. **Árvores Brasileiras**. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.1ª. Ed. Vol. 3. Nova Odessa (SP): Plantarum 2009.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**. As bases biológicas da compreensão humana.

Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Athena, 2001.

PEREIRA, Antônio Batista e PUTZKE, Jair. **Dicionário Brasileiro de Botânica**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

Portal **Amazônia**. Disponível em <www.amazonia.org.br>. Acesso ago. a dez., 2010.

Portal do *INPA* – Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas. Disponível em <<http://www.inpa.gov.br/>>, acesso de ago. a dez. 2010.

Portal *PlantSystematics.org*. Disponível em <<http://www.plantsystematics.org/index.html>>, acesso 2010 e 2011.

Portal *The New York Botanic Garden*, disponível em <<http://sciweb.nybg.org/Science2/vii2.asp>>. Acesso em 2010 e 2011.

Portal *Tropicos.org.Missouri Botanical Garden*, disponível em <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em 2010 e 2011.

POTT, Arnildo e POTT, Vali J. **Plantas do Pantanal**. Corumbá (MS): EMBRAPA-SPI, 1994.

RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray F.; EICHHORN, Susan E. **Biologia Vegetal**. 7a. ed. Coord. de tradução Jane Elizabeth Kraus; revisão técnica Jane Elizabeth Kraus, Neusa Maria de Castro; tradução Ana Cláudia de Macêdo Vieira... et al. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SAGER, J. C. **Essays on definition**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

SILVA JR., Manoel Cláudio e PEREIRA, Benedito Alísio da Silva. + **100 Árvores do cerrado de matas de galeria**. Guia de Campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

SILVA JÚNIOR, Manoel Cláudio da. + **100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria**. Guia de Campo. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

SILVA, Augusto Soares da. **A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística**. Disponível em <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>, acesso em 2 março 2011.

SILVA, Humberto A.G.F e SILVA, Versides Sebastião M. e. Análise Econômica da Indústria de Madeiras Tropicais: o caso do pólo de Sinop, MT. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 14, n.2, p. 91-101, ISSN 0103-9954. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/534/53414209/53414209.html>>, acesso em 14 nov. 2010.

SILVA, Silvestre (fotógrafo) e LEÃO, Noemi Vianna Martins (autor). **Árvores da Amazônia**. São Paulo: Empresa das Artes, 2006.

STEVENS, P. F. (2001 onwards). **Angiosperm Phylogeny Website**. Version 9, June 2008 [and more or less continuously updated since]. Disponível em <<http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>>.

TEMMERMAN, Rita. **Towards New Way of Terminology Description**. The sociocognitive approach. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2000.

